

PIERRE, Joe. *False: How mistrust, disinformation, and motivated reasoning make us believe things that aren't true*. New York (Estados Unidos da América): Oxford University Press, 2025. 256 p. ISBN: 978-0-19-776527-2.

A condição contemporânea designada como *pós-verdade* não configura uma ruptura recente, como muito se acredita, mas a intensificação de uma dinâmica intrínseca à formação da opinião pública, em que processos subjetivos suplantam sistematicamente a realidade objetiva. W. Lippmann (1922), em uma análise sobre a governança democrática, estabeleceu que os indivíduos operam dentro de um *pseudoambiente*, uma representação mental simplificada e enviesada de um mundo demasiado complexo para apreensão direta. Essa limitação cognitiva é amplificada por uma dimensão coletiva, um fenômeno documentado desde C. Mackay (1841), que reportou episódios de “manias em massa” nos quais populações inteiras se tornam cativadas por uma única e compartilhada ilusão. Nesse quadro intelectual, que visa compreender a interação entre a falibilidade cognitiva individual e a suscetibilidade social, que se encontra a obra *False: how mistrust, disinformation, and motivated reasoning make us believe things that aren't true* (Oxford University Press, 2025), de Joseph M. Pierre. O livro, que no presente momento carece de tradução para a língua portuguesa, busca descortinar os mecanismos que governam a adesão a crenças não verídicas.

Joseph M. Pierre, conhecido como Joe Pierre, é professor clínico de ciências da saúde no Departamento de Psiquiatria e Ciências do Comportamento da

University of California, em São Francisco (UCSF). Ele iniciou seus estudos com uma graduação em ciências biológicas e psicologia no Massachusetts Institute of Technology (MIT), seguida pela obtenção do título de médico na University of California, em Los Angeles (UCLA) e por uma especialização subsequente em psiquiatria por meio do programa de residência no UCLA Neuropsychiatric Institute. Atualmente, é chefe da unidade de internação de adultos no UCSF Langley Porter Psychiatric Hospital, onde dedica sua prática clínica a sujeitos com transtornos psicóticos e transtornos por uso de substâncias. A produção acadêmica desse autor, que compreende mais de uma centena de publicações, investiga o espaço liminar entre a psicopatologia e a normalidade, com um foco particular em crenças de tipo delirante, incluindo teorias conspiratórias. Para além de suas atribuições acadêmicas e clínicas, Pierre mantém uma presença pública por meio de seu *blog*, *Psych Unseen*, e trabalha como consultor pericial em contextos forenses e legais, notadamente em casos que envolvem psicoses, convicção ideológica e crenças de tipo delirante.

No capítulo inicial, *Delusions, distortions, and misbeliefs, oh my!*, Pierre (2025b) estabelece um espectro para as crenças falsas, que se estende dos *delírios* clinicamente definidos às *distorções cognitivas comuns*. O autor argumenta que os delírios psiquiátricos são caracterizados não apenas por sua falsidade e incorrigibilidade, mas por sua natureza idiossincrática e autorreferencial. Para superar as limitações das definições categoriais, ele apresenta uma abordagem dimensional que avalia as crenças com base em variáveis como convicção, preocupação e sofrimento associado. Essa conceitualização de um contínuo entre o patológico e o normal é consistente com a análise anterior do autor sobre crenças de tipo delirante, como as teorias da conspiração, que também variam em um gradiente de plausibilidade e impacto funcional (Pierre, 2020). A distinção que Pierre (2025b) faz entre evidências subjetivas, como a intuição, e evidências objetivas prepara o terreno para a discussão subsequente sobre os processos de formação de crenças.

O segundo capítulo, *The psychology of overconfidence*, investiga a tendência humana universal para a confiança excessiva. Pierre (2025b) examina como vieses cognitivos, a exemplo da falácia do jogador, e a sobrevalorização da “força” em detrimento do “peso” da evidência nos levam a julgamentos probabilísticos equivocados. O autor também pormenoriza as chamadas *ilusões positivas*, como o efeito “melhor que a média” e a ilusão de controle, que, embora sejam formas de autoengano, podem possuir funções adaptativas para a saúde mental. A análise se aprofunda com a discussão sobre a falibilidade da memória e o *efeito Dunning-Kruger*, pelo qual indivíduos com menor competência em um domínio tendem a superestimar sua habilidade. Essa exploração das vulnerabilidades cognitivas fundamenta o argumento, desenvolvido em trabalhos prévios, de que a adesão à desinformação é facilitada por processos mentais que se desviam de uma avaliação puramente racional da realidade (Pierre, 2020).

Em *Confirmation bias on steroids*, o terceiro capítulo, Pierre (2025b) demonstra como o ambiente digital contemporâneo potencializa o *viés de confirmação*. O autor descreve a *internet* como um cérebro periférico que, ao mesmo

tempo que permite acesso a um vasto repositório de informações, infla a confiança epistêmica dos usuários. A arquitetura dos algoritmos de redes sociais e motores de busca cria “bolhas de filtro” e “câmaras de eco” que isolam os indivíduos de perspectivas divergentes e reforçam visões de mundo preexistentes. A discussão de Pierre (2025b) sobre essas estruturas digitais exemplifica o que Gelfert (2018) identifica como o caráter sistêmico da desinformação, que é enganosa “por *design*”. Além disso, o capítulo mostra que o vácuo epistêmico gerado pela desconfiança em fontes de autoridade, um componente central no modelo desenvolvido pelo próprio autor em estudos anteriores (Pierre, 2020), é preenchido por narrativas que confirmam as crenças do indivíduo, solidificando sua adesão a elas.

Já o quarto capítulo, *The flea market of opinion*, retrata a paisagem informacional moderna como um mercado desregulado no qual fatos, opiniões e falsidades coexistem sem distinções muito claras entre si, o que corrói a confiança nos guardiões tradicionais da informação. Pierre (2025b) concentra-se no que chama de *raciocínio motivado*, ou *cognição protetora da identidade* (“*identity protective cognition*”), como o mecanismo psicológico pelo qual as pessoas avaliam a informação não por seu mérito objetivo, mas por sua compatibilidade com a identidade de seu grupo. Esse fenômeno está diretamente ligado à desconfiança epistêmica (Pierre, 2020), pois a rejeição de fontes de autoridade costuma ser um pré-requisito para a formação de identidades grupais alternativas. O ambiente descrito por Pierre (2025b) é o terreno ideal para a disseminação do que Gelfert (2018) define como *fake news*: a apresentação deliberada de alegações falsas com a aparência de notícias legítimas, projetadas para explorar as vulnerabilidades cognitivas do público.

No capítulo cinco, *The disinformation industrial complex*, Pierre (2025b) analisa os sistemas e atores que produzem e disseminam desinformação com fins lucrativos ou políticos. O autor introduz a noção de *responsabilidade compartilhada* para argumentar que a culpa por ações baseadas em crenças falsas não recai somente sobre o indivíduo, mas também sobre os “predadores de topo” da cadeia alimentar da desinformação. Estes agentes exploram a desconfiança pública em instituições de autoridade para vender narrativas alternativas. A análise converge com a de Fallis (2014), que caracteriza a desinformação como uma informação intencionalmente enganosa. Pierre (2025b) ilustra como esse complexo industrial opera por meio de exemplos como o movimento dos “cidadãos soberanos” e figuras midiáticas que lucram ao estimular a desconfiança, vendendo produtos e ideologias a um público receptivo. Nessa linha, a discussão sobre a ascensão da desinformação em um mundo de pós-verdade sugere a erosão deliberada do conceito de verdade objetiva como uma estratégia de propaganda.

Em sequência, o capítulo *Conspiracy theories gone wild* situa as teorias da conspiração sob a condição de um fenômeno normativo, apesar potencialmente danoso, que deve ser distinguido dos delírios clínicos. Pierre (2025b) sustenta que a adesão a essas teorias é impulsionada pela desconfiança epistêmica e pela exposição à desinformação, e não primariamente por déficits psicológicos

individuais. Essa perspectiva é aprofundada pela distinção que o autor faz em outro trabalho, onde separa as crenças conspiratórias dos delírios com base em características como a autorreferencialidade e a origem da crença (Pierre, 2025a). Enquanto os delírios são tipicamente idiossincráticos e baseados em experiências internas, as teorias da conspiração são narrativas compartilhadas sobre o mundo, adquiridas de fontes externas. O capítulo examina exemplos como as crenças sobre a Terra plana e o movimento QAnon para ilustrar como esses discursos preenchem o vácuo deixado pela desconfiança nas explicações oficiais.

Falling for bullshit é o capítulo seguinte. Nele, o autor apresenta um tipo específico de argumentação enganosa. Pierre (2025b) define *bullshit* (“bobagem”, em inglês) não como uma mentira, mas como uma comunicação que demonstra indiferença à verdade, projetada para impressionar, e não para informar. Essa conceituação se aproxima da de Fallis (2014), que classifica o *bullshit* como uma violação da máxima conversacional da qualidade, especificamente a de não afirmar aquilo para o qual não se tem evidência adequada. Pierre (2025b) considera a “receptividade ao *bullshit*” um traço psicológico que torna os indivíduos vulneráveis a esse tipo de discurso, correlacionando-a a um estilo de pensamento mais intuitivo do que analítico.

Nesse contexto, expande-se a análise do *bullshit* com a investigação de suas manifestações retóricas em diferentes domínios. Pierre (2025b) examina o *bullshit pseudoprofundo* e o *bullshit científico*, que utilizam linguagem vaga ou jargão técnico para criar uma falsa aparência de profundidade ou legitimidade, sendo um pilar da pseudociência. O psiquiatra demonstra como figuras do movimento de *wellness* (“bem-estar”) e da academia pós-moderna empregam essa tática. A discussão, então, redireciona-se para a esfera política, em que o chamado *bullshit evasivo* é utilizado como uma ferramenta para evitar respostas diretas e fugir à responsabilização.

Pierre (2025b) garante que, não obstante a susceptibilidade ao *bullshit* possa ser influenciada por afiliações ideológicas, a capacidade de detectá-lo é uma habilidade que pode ser desenvolvida. O autor defende que o antídoto para o *bullshit* se detém no pensamento analítico e na exigência coletiva de que as alegações, principalmente as de figuras de autoridade, sejam apoiadas por evidências verificáveis. Essa postura constitui um contraponto à indiferença pela verdade que caracteriza tanto o produtor quanto o consumidor de *bullshit*.

Em *Divided states*, Pierre (2025b) descreve como as divergências ideológicas podem afetar até mesmo os laços mais íntimos. O exemplo de Stephanie e Nick, um casal marcado pela escalada de desconfiança mútua a partir das eleições de 2016, é uma ilustração da forma como o viés de confirmação e o raciocínio motivado reforçam narrativas opostas, tornando impossível reconhecer equívocos próprios sem reforçar o sentimento de “inimigo” no outro. A pesquisa de Douglas *et al.* (2019), a esse respeito, indica que crenças conspiratórias emergem de motivações epistêmicas, existenciais e sociais, criando ambientes propícios à desinformação e à polarização extrema. Por sua vez, Lockie (2017) sustenta que o pós-verdade prospera na fabricação de certezas que anulam a

dúvida, minando a confiança em instituições e promovendo discursos maniqueístas do “nós contra eles”.

No próximo capítulo, *We are not our beliefs*, Pierre (2025b) propõe que a tendência humana a fundir crenças factuais com identidade pessoal alimenta um ciclo de imutabilidade e hostilidade. Ele sublinha a importância da *flexibilidade cognitiva* para reconhecer que crenças são julgamentos de probabilidade, e não definições ontológicas do eu. A diferenciação entre crenças factuais e valores morais fica clara ao se perguntar “que epitáfio quero deixar?”, mostrando que a verdadeira “sacralidade” repousa em valores, não em proposições verificáveis. Pierre (2025a) menciona ainda que crenças conspiratórias podem ser separadas de delírios clínicos pela sua compartilhabilidade e fundamentação em fontes externas de desconfiança, e não em experiências subjetivas particulares.

Por fim, no capítulo dez, intitulado *A prescription for a post-truth world*, o médico psiquiatra apresenta o que chama de “sagrada trindade da detecção da verdade”: humildade intelectual, flexibilidade cognitiva e pensamento analítico. Individualmente, isso implica cultivar a consciência dos limites do próprio conhecimento por meio de perguntas como “qual a chance de eu estar certo sobre tudo?”. Do ponto de vista coletivo, o que o autor recomenda é a reforma da educação para priorizar a filosofia da ciência, promover letramento midiático desde a infância e responsabilizar legalmente propagadores de desinformação, à semelhança do que fez a Finlândia com sucesso na última década.¹

Além do exposto, Pierre (2025b) defende o estabelecimento de valores comunitários de verdade e justiça, equilibrando a liberdade de expressão com a moderação de conteúdo nocivo. A mediação de conflitos entre opostos políticos deve ocorrer em espaços presenciais e dialógicos, evitando o reducionismo das “bolhas” *on-line*. Para Lockie (2017), por exemplo, a democratização do conhecimento, tornando o processo científico transparente e acessível, é essencial para reconstruir a confiança social e frear o avanço de políticas pós-verdade que privilegiam o espetáculo em desfavor da evidência.

False constitui um aporte substancial para a compreensão das crenças distorcidas quando articula de maneira sistemática conceitos da psiquiatria e da psicologia. Um dos méritos da obra é sua estrutura progressiva, que parte de fenômenos psicológicos individuais, como o excesso de confiança e o viés de confirmação, e alcança dinâmicas sociais amplas e atuais, como a polarização política e as teorias da conspiração. Essa maneira de conduzir o texto fundamenta-se em trabalhos anteriores do autor, como o modelo socioepistêmico de dois componentes (desconfiança e desinformação) para a crença em teorias conspiratórias (Pierre, 2020). A análise sobre como o cérebro humano, mesmo em seu funcionamento típico, pode gerar distorções significativas da realidade

1. Esse país adotou, em 2019, uma política nacional de educação midiática que integra o letramento digital ao currículo de todas as disciplinas, desde a Educação Infantil até a modalidade equivalente ao Ensino Médio brasileiro. O objetivo é formar os estudantes para que identifiquem a desinformação, analisem fontes e compreendam propagandas e algoritmos. Projetos de checagem de fatos, como o Faktabaari (criado em 2014), produzem kits educativos e verificações de discursos eleitorais. A abordagem multisetorial envolve escolas, mídia pública, bibliotecas, organizações não governamentais e órgãos estatais em ações voltadas a todas as faixas etárias. Desde 2017, a Finlândia lidera o European Media Literacy Index por sua resiliência à informação fraudulenta.

representa um ponto alto da argumentação, desmistificando a noção de que a formação de crenças é um processo puramente racional.

Apesar do vigor da análise psicológica de Pierre (2025b), uma possível fragilidade de sua argumentação centra-se em uma atenção insuficiente aos aspectos estruturais e sistêmicos da produção de desinformação. A perspectiva de Gelfert (2018), para quem as *fake news* são alegações enganosas por desígnio, aponta para as características sistêmicas das fontes e dos canais que manipulam os processos cognitivos do público. A ênfase de Pierre (2025b) na “psiquiatria da vida cotidiana” pode, em certos momentos, minimizar a natureza industrial e deliberada das campanhas de desinformação que visam a ganhos financeiros ou políticos.

As reflexões sobre violência motivada por ideologia em *False* são aprofundadas por sua análise mais específica em Pierre (2025a), que discute a violência perpetrada por atores solitários. Nesse trabalho, o autor propõe um modelo de cinco estágios do comprometimento ideológico, que detalha a transição da crença à ação violenta, preenchendo uma lacuna importante na obra principal. A associação da perspectiva sistêmica de Gelfert (2018) com os modelos psicológicos de Pierre (2020, 2025a, e, claro, 2025b) permite, portanto, uma compreensão mais completa da crise contemporânea da crença. Desse modo, o trabalho de Pierre (2025b), lido em conjunto com essas outras contribuições, consiste em uma importante e atual referência para o entendimento do fenômeno, ainda que deixe questões estruturais em aberto para futuros debates.

Referências

FALLIS, D. The varieties of disinformation. In: FLORIDI, L; ILLARI, P. (ed.). *The philosophy of information quality*. New York (Estados Unidos da América): Springer, 2014. p. 135-161.

GELFERT, A. Fake news: a definition. *Informal Logic*, [s. l.], v. 38, n. 1, p. 84-117, 2018.

LIPPMANN, W. *Public opinion*. New York (Estados Unidos da América): Harcourt, Brace and Company, 1922.

MACKAY, C. *Memoirs of extraordinary popular delusions*. London (Reino Unido): Richard Bentley, 1841.

PIERRE, J. Mistrust and misinformation: a two-component, socio-epistemic model of belief in conspiracy theories. *Journal of Social and Political Psychology*, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 617-641, 2020.

PIERRE, J. Conspiracies gone wild: a psychiatric perspective on conspiracy theory belief, mental illness, and the potential for lone actor ideological violence. *Terrorism and Political Violence*, [s. l.], v. 37, n. 4, p. 550-569, 2025a.

PIERRE, J. *False: how mistrust, disinformation, and motivated reasoning make us believe things that aren't true*. New York (Estados Unidos da América): Oxford University Press, 2025b.

Fábio Luiz Nunes²

² Mestre e doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0784-1921>. E-mail: fabio.nunes.fln@cefetmg.br.